

Orientação sexual e a identidade de gênero na escola

A partir da apresentação de três casos reais ocorridos em escolas, o texto começa o debate sobre como, na prática, lidar com a diversidade de orientações sexuais e identidades de gênero na escola.

Vamos refletir sobre a orientação sexual e a identidade de gênero na escola a partir dos distintos casos apresentados abaixo, que refletem situações hoje comuns nas escolas brasileiras. Outros relatos poderiam ser aqui adicionados. Provavelmente cada uma/um de nós teria para relatar outras situações semelhantes ocorridas no ambiente escolar.

Situação 1 – Em 1999, Paulo, de 14 anos, escreveu para um jornal denunciando uma situação de preconceito na sua escola: estava sendo ameaçado de expulsão por ser gay. O problema foi deflagrado pelo fato de esse adolescente ter declarado seu amor por um colega, Marcelo. A história correu pelos corredores e Marcelo tornou-se alvo de gozação por parte dos colegas. Paulo passou a ser ameaçado e a direção convocou seu pai e sua mãe para pedir que o retirassem da escola a fim de evitar maiores constrangimentos a Marcelo e a seus familiares. Nas semanas seguintes, outras pessoas escreveram à redação do jornal contando: “eu também passei por isso”.

Situação 2 – Uma diretora de uma escola do interior de São Paulo contou ter tido uma experiência curiosa em 2004. Ao fazer a chamada em uma turma, o aluno Marcos estava sempre ausente. Por outro lado, o nome de Luiza precisava ser adicionado. A aluna dizia ter feito a matrícula, no entanto, a direção não conseguia localizar sua ficha e documentação. Concluíram que as mesmas foram extraviadas e uma nova ficha foi preenchida. Passado algum tempo, algumas alunas vieram à direção fazer uma queixa: um menino, vestido de mulher, estava utilizando o banheiro feminino. Só então a diretora descobriu que era Luiza, cujo nome oficial era Marcos. Conversou então com Luiza que, naquele dia, foi para casa mais cedo. A diretora não sabia como lidar com a situação. Trocou idéias com colegas, procurou ajuda em uma ONG que trabalhava com o tema. Contou não ter sido fácil o processo, pois enfrentou resistência de professoras/es, estudantes, mães, pais e funcionários/as. No entanto, a aluna permaneceu na escola, sendo chamada pelo nome que escolhera: Luiza. Concluiu o Ensino Fundamental e participou da cerimônia de formatura da sua turma.

Situação 3 – Numa escola, uma menina fez amizade com um menino mais velho, que passou a freqüentar sua casa. A amizade transformou-se em namoro. Após algum tempo, a avó da menina descobriu que o namorado da neta era uma garota. A família, furiosa,

procurou a escola, cobrando uma atitude no sentido de expulsar a menina que vivia como um menino.¹

Num primeiro momento, os casos explicitam as ansiedades e as tensões diante da diversidade sexual na escola. Como estudamos na unidade 2 deste módulo, o desafio para a educadora e o educador é tornar essas situações fonte de reflexão, em vez de se continuar a reproduzir

(...) o “problema social” não é a diversidade, mas a violência e a discriminação que perpetuam o preconceito.

preconceito e a acirrar a discriminação. Afinal, como já analisamos, o “problema social” não é a diversidade, mas a violência e a discriminação que perpetuam o preconceito.

Se pensarmos que, de acordo com a legislação brasileira, o Ensino Fundamental é obrigatório, poderemos supor que, ao menos em tese, todas as crianças e os/as adolescentes freqüentam a escola em algum momento da sua vida. Assim sendo, a ampla gama de diversidade cultural, sexual,

social, étnico-racial, entre outras, está presente na escola, que precisa encontrar maneiras de lidar com as diferenças sem que elas se transformem em motivos de preconceito ou discriminação. Em outras palavras, pessoas de orientações sexuais e identidades de gênero

(...) pessoas de orientações sexuais e identidades de gênero diversas freqüentam a escola e devem ter sua sexualidade e suas identidades respeitadas. Este é também um exercício de cidadania.

diversas freqüentam a escola e devem ter sua sexualidade e suas identidades respeitadas. Este é também um exercício de cidadania.

As situações descritas demonstram que nem sempre isso acontece. Na unidade 2 deste módulo, foram analisadas as dificuldades da sociedade em lidar com as diferenças. Nesta unidade, o foco será como a escola tende a reproduzi-las. De forma muitas vezes sutil, a escola atua no sentido de gerar sujeitos femininos e masculinos considerados “normais” na nossa sociedade, ou seja, heterossexuais, discriminando aqueles e aquelas que de alguma maneira se apartam da norma. Nesta unidade, investigaremos possíveis caminhos

para sair desse labirinto de violências e desigualdades. Conversaremos sobre como a escola pode valorizar a diversidade e promover a igualdade de direitos.

As expulsões que emergem dos casos apresentados são tentativas de retirar da escola aquilo que é visto como desviante, que está fora do padrão de normalidade. Mesmo que a expulsão não se concretize, a tentativa de fazê-lo já é por si só uma mensagem normatizadora, que indica a intenção da não-aceitação da diferença. Há casos em que, por impeditivos legais, a expulsão é dissimulada com um “convite a se retirar” ou com uma transferência compulsória,

¹ Situação bastante semelhante é retratada no filme Meninos não choram, de Kimberly Peirce (1999). Além desse, vale a pena também assistir ao filme Minha vida em cor-de-rosa, de Alain Berliner (1997). O filme conta o drama de um garoto que pensa que é uma garota e age como tal. O que lhe parece absolutamente normal é completamente bizarro para as pessoas que o cercam, entre as quais está a família, que não sabe exatamente como proceder diante do comportamento estranho do filho e da reação indignada dos vizinhos. Aos poucos, no entanto, a vizinhança, que lança olhares e palavras recriminadoras para o menino de comportamento incomum, parece aprender a conviver com seu jeito diferente.

convencendo pais, mães ou responsáveis e estudantes de que mudar de escola será melhor para elas/eles. Devolve-se para aquele/a que é discriminado/a a responsabilidade pela discriminação e a ele/ela se encarrega da solução do problema.

Nos três casos as tentativas de expulsão foram motivadas pelo temor de que sujeitos com uma orientação sexual distinta da heterossexual ou com expressão de gênero ambígua ou mesmo oposta ao esperado possam “contaminar” crianças e adolescentes vistos como normais. No primeiro caso descrito, o diretor justificou sua intenção de expulsar Paulo como uma forma de proteger Marcelo. O mesmo raciocínio foi empregado na terceira situação, visando resguardar a menina que teria sido enganada pela colega.² Como olhar para essas

Como olhar para essas situações através de outras perspectivas, ou seja, a dos princípios da igualdade, da liberdade e do direito à dignidade pessoal de todas e todos? Quais os efeitos de suspensões, transferências e expulsões para quem as sofre? Quais os efeitos para o conjunto da comunidade educativa?

situações através de outras perspectivas, ou seja, a dos princípios da igualdade, da liberdade e do direito à dignidade pessoal de todas e todos? Quais os efeitos de suspensões, transferências e expulsões para quem as sofre? Quais os efeitos para o conjunto da comunidade educativa?

É importante lembrar que para além de intervenções mais explícitas há situações sutis, nas quais a escola silencia sobre o tema ou lida com a diversidade sexual pela ótica de “problema a ser enfrentado”. Pense nos livros didáticos mais amplamente utilizados nas escolas. Eles contemplam de alguma maneira as diversas orientações sexuais e as identidades de gênero presentes na nossa sociedade? Verifique o livro didático que você está usando este ano e veja se esta questão aparece e como. De que modo se faz referência à vida afetiva de pessoas com influência na história universal e na do país? Há menção à homossexualidade e à transgeneridade? Os livros didáticos falam sobre sexualidade

e afeto fora as abordagens sobre DSTs, Aids e reprodução?

Se sua escola, por exemplo, adotasse um livro de Língua Portuguesa que contasse uma história de amor entre dois rapazes, qual reação você imagina que as/os estudantes teriam? E as mães e os pais? E os/as demais educadores e educadoras? A possibilidade de alguma reação negativa não deve ser motivo de inércia ou omissão que involuntariamente contribua para a perpetuação de um quadro grave de opressão. Se não lançarmos mão de nossas competências pedagógicas e didáticas para lidar com este tema, continuaremos legitimando o preconceito, a discriminação, as hierarquias de gênero e a violência homofóbica nas escolas. Nesse sentido, merece destaque o encaminhamento dado pela diretora na segunda situação descrita. Mesmo com dificuldades, ela garantiu a permanência de Luiza na escola. E você? Como lidaria com essa situação? A sua escola prevê no Regimento Interno

² Sobre a ilegalidade dessa estratégia e de expulsões e suspensões de estudantes, cabe consultar o Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei 8.069/1990, Art.15 a 18 – sobre o Direito à Liberdade ao Respeito e à Dignidade, e o Art. 53, 54 e 58 sobre o Direito à Educação. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm

Se não lançarmos mão de nossas competências pedagógicas e didáticas para lidar com este tema, continuaremos legitimando o preconceito, a discriminação, as hierarquias de gênero e a violência homofóbica nas escolas.

ou no Plano Político-Pedagógico alguma medida referente ao assunto, ou assegura a promoção de valores voltados ao reconhecimento da diversidade sexual?

GLOSSÁRIO

Aids: Sigla para a expressão em inglês Acquired Immune Deficiency Syndrome, que significa síndrome da imunodeficiência adquirida (ou Sida, na sigla em português).

DSTs: Sigla que significa doenças sexualmente transmissíveis.

Identidade de Gênero: Diz respeito à percepção subjetiva de ser masculino ou feminino, conforme os atributos, os comportamentos e os papéis convencionalmente estabelecidos para homens e mulheres.

Orientação sexual: Refere-se ao sexo das pessoas que elegemos como objetos de desejo e afeto. Hoje são reconhecidos três tipos de orientação sexual: a heterossexualidade (atração física e emocional pelo "sexo oposto"); a homossexualidade (atração física e emocional pelo "mesmo sexo"); e a bissexualidade (atração física e emocional tanto pelo "mesmo sexo" quanto pelo "sexo oposto").

Heterossexualidade: Atração sexual por pessoas de outro gênero e relacionamento afetivo-sexual com elas.

Homossexualidade: Atração sexual por pessoas de mesmo gênero e relacionamento afetivo-sexual com elas.

Sexualidade: Refere-se às elaborações culturais sobre os prazeres e os intercâmbios sociais e corporais que compreendem desde o erotismo, o desejo e o afeto até noções relativas à saúde, à reprodução, ao uso de tecnologias e ao exercício do poder na sociedade. As definições atuais da sexualidade abarcam, nas ciências sociais, significados, ideais, desejos, sensações, emoções, experiências, condutas, proibições, modelos e fantasias que são configurados de modos diversos em diferentes contextos sociais e períodos históricos. Trata-se, portanto, de um conceito dinâmico que vai evoluindo e que está sujeito a diversos usos, múltiplas e contraditórias interpretações, e que se encontra sujeito a debates e a disputas políticas.

Transgêneridade: Transgênero ou "trans" são termos utilizados para reunir, numa só categoria, travestis e transexuais como sujeitos que realizam um trânsito entre um gênero e outro.